



## As mulheres de Sophie Calle

### Ana Hupe

Desdobramentos da exposição *Cuide de Você*, da artista Sophie Calle, que esteve em 2009 no Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. A resenha aponta para a produção de um território onde a subjetividade pode ser exercitada mais a partir das reações das 107 mulheres, coautoras da obra, do que do compartilhamento da privacidade da artista. A importância do espaço expositivo como local de trocas sociais, bem como o papel da arte como questionadora de modelos de vida.

Subjetividade, autoria, trocas.

No âmbito do Ano da França no Brasil, 2009 trouxe a artista Sophie Calle diversas vezes ao país. Em julho, por ocasião da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), e em dezembro, momento da abertura de sua exposição no MAM-RJ. *Prenez soin de vous*, traduzida para *Cuide de você*, esteve ainda no MAM-BA e no SESC-Pompéia (SP). Sophie passou a habitar nossa memória artística coletiva. Tantas oportunidades de se aproximar de sua obra, aliadas à popularidade do assunto de *Cuide de você*, o fim de um namoro, despertaram partidários e, por outro lado, duvidosos da maneira de fazer arte expondo afetos íntimos demais. Por conta dessa suspeita de egomania; por criar a partir da autobiografia, escrevendo em primeira pessoa, Sophie Calle já causava desconfiança na França, onde só foi alcançar reconhecimento dos críticos a partir dos anos 90, passada a onda pós-estruturalista, que priorizava o coletivo e perpetuava uma estética baseada no esfacelamento do autor.

Falar de amor é sempre complicado, ainda mais no campo da arte contemporânea, minado de linguagens que exigem racionalidade e precisão matemáticas. O movimento conceitual, surgido em meados dos anos 60, deixou a impressão de que é mais difícil convencer da validade de um trabalho artístico que lida diretamente com a vida como matéria do que de outros criados a partir de um elemento externo. Sophie Calle trata de histórias deliberadamente pessoais e mostra que ainda assim a obra parte de uma condição conceitual. *Cuide de você* problematiza as complicadas relações contemporâneas, imbricadas de individualismo extremo e de um não-saber-o-que-se-quer sem fim, mas o faz de uma maneira regrada. O sistema é simples: a artista vai até 107 mulheres de diferentes idades e profissões, de uma delegada de polícia a uma adolescente, passando por uma DJ, por sua própria mãe, por uma vidente, uma juíza, uma criminologista, entre tantas, e pede que elaborem reações a um email de rompimento de relacionamento que recebeu de X – que acabou por revelar-se pela mídia o escritor francês Grégoire Bouillier. Nas paredes do museu vemos a documentação dessas interpretações poéticas em fotos, vídeos e textos.

Visitantes assistindo a um dos vídeos de *Cuide de você*, MAM-RJ.

### **As vozes são coletivas**

Ao contrário do que parece, Sophie trabalha mais no cancelamento de si do que em si mesma. São as 107 mulheres (incluindo um papagaio e uma boneca) que dão voz ao email como se o acontecido fosse-lhes próprio. Diversas autorias complementadas pelo visitante, que interpreta as informações a partir de sua própria subjetividade; a arte cumpre o papel de captura do outro pelas ausências: as reações incentivam o diálogo. Félix Guatarri<sup>1</sup> coloca a subjetividade como o conjunto de relações do indivíduo com outras individuações, ou seja, esta só constitui-se como território na presença do outro, de outras subjetividades. O espectador torna-se cúmplice da privacidade de Sophie.

1 Félix Guatarri. *Chaosmose*. Paris: Galilée, 1992. (Ed. bras.: *Caosmose*, trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1998)

A exposição poderia funcionar melhor em catálogo dada a quantidade de textos aliados às imagens de cada reação. No livro acompanham-se os parágrafos mais confortavelmente do que de pé na sala de exposição. No entanto, dentro do museu as passagens promovem a interação entre os presentes – as opiniões advindas da bagagem de desilusões amorosas singulares são compartilhadas e assim o texto continua sendo interpretado no espaço expositivo.

Na era das relações virtuais, intermediadas por aparelhos, um convite ao *tetê-a-tête* é bem-vindo, a arte funcionando como um sistema de trocas essencialmente sociais. A artista parece mesmo protestar contra a mídia fria como mediadora de relações e recorre ao encontro pessoal com diferentes mulheres alegando não saber como reagir à frieza de um rompimento por correio eletrônico. As fotos e vídeos de todas as convidadas funcionam como amostra dos encontros.

### **Vida como matéria para a arte**

Quebrando as arestas sensíveis entre arte e vida, por vezes manipulando a própria vida para transformá-la em arte, ou usando a arte para modificar o cotidiano, a artista trabalha acontecimentos pessoais tentando universalizá-los; sua trajetória demonstra empenho em impessoalizar o eu. Nem sempre Sophie criou a partir dos próprios afetos. Nas ações dos anos 80 a dinâmica era inversa: ela procurava lidar com a falta de vínculos pessoais. Caso de *Les dormeurs*: 29 pessoas estranhas aceitam dormir na cama da artista, que as fotografa.

A falta de intimidade entre participante e artista torna a ação mais instigante, os escolhidos funcionam simplesmente como um dispositivo para guiar seu destino durante aqueles oito dias em que sua cama esteve constantemente ocupada. Ela criou um jogo com regras numa tentativa de organizar um sentido para os seus dias.

A documentação desse trabalho, bem como de *L'hôtel*, *La filature*, *Le carnet d'addresses* e outros, orienta-se por textos que acompanham fotografias. O limite entre ficção e realidade atravessa esses registros, a passagem da vivência para o ato literário já constitui em si um campo aberto para falhas em relação ao real. A tradução de uma experiência do suporte mundo para o suporte papel vem carregada de embaralhamentos da memória e reflexões. A própria natureza da escrita funda.



A artista Caroline Valansi no MAM-RJ.

### O desestabelecimento da ordem

Embora prazerosa, seria impossível a tarefa de analisar uma a uma as 107 interpretações nesta resenha. O jogo de comparação que propõem – desde o uso da lexicometria a uma representação do email com peças do xadrez – causa uma certa angústia, são muitas as informações e sai-se com a sensação de um entendimento superficial da exposição. Muitos desdobramentos potenciais, e não seria essa a intenção da artista? Criar uma série de respostas ao mesmo problema?

A juíza identificada também como *X* analisa a carta como uma conclusão de um contrato: *acordo voluntário entre duas pessoas, cujo consentimento deve ser livre e ciente, para criar certa situação e organizar de forma precisa as regras segundo as quais ele funciona. Cada parte contratante entende que se beneficiará do contrato, mas, em troca, estará sujeita a certas obrigações.* Já a advogada Caroline Mecary sugere que Sophie processe *X* judicialmente, alegando que ele poderia ser condenado por fraude e engano quanto ao vínculo amoroso. A criminologista Michele Agrapart-Delmas também é radical: *Se for autêntica, esta carta foi escrita por um manipulador, um sedutor, cujos relacionamentos com outras pessoas se baseiam na dominação e na ascendência.*



A maioria das análises condena *X* e fica ao lado de Sophie, servindo como uma espécie de consolo. Na carta da escritora Christine Angot, porém, nota-se uma visão crítica em relação ao trabalho em questão. Angot finaliza seu texto endereçado a Sophie com a seguinte frase: *O coro que você reuniu em torno dessa carta é o coro da morte*. A escritora enxerga o *esquadrão das mulheres* como uma forma de sentirem pena de si mesmas, uma tentativa de transformarem os homens em mulheres. *Elas não vão ajudá-la e continuarão dizendo "proteja-se" quando não há nada do que se proteger*, coloca. Enquanto todas as outras reações apontam para um lamento do fim do amor romântico, o dos moldes burgueses, que prega a fidelidade, o casamento, esta carta aponta para um novo modelo na medida em que critica toda a lamentação. Não seria esse um dos papéis da arte? Não só questionar modelos de vida que não funcionam mais, mas também apontar para novos caminhos. A maioria das reações sugere a reiteração do amor romântico, enquanto Angot quebra esse padrão.

A escritora Christine Angot e seu texto-resposta.

Sem frescuras ou filtros Sophie instala através das narrativas femininas um romance, no sentido literário, nas paredes. As fotografias grandes e bonitas, feitas pela artista em sua maioria, completam os textos. A estrutura da obra produz uma relação social e a torna um plano de imanência para o exercício da subjetividade, em que o espectador é coautor da obra. Sophie coloca uma "microtopia" no presente, numa tentativa de melhorar o habitar o mundo. Aqui reside o caráter 'político' de sua arte, que aponta para a necessidade de se questionar os modelos de relacionamento hoje, num mundo em que os tantos estímulos e desejos incinerados pelo capitalismo acabam por ser saciados com produtos de consumo que esvaziam a subjetividade, como analisa Suely Rolnik:

2 Rolnik, Suely. *Geopolítica da cafetinagem*. São Paulo, 2006.

A especificidade da arte enquanto modo de expressão e, portanto, de produção de linguagem e de pensamento é a invenção de possíveis – estes ganham corpo e se apresentam ao vivo na obra. Daí o poder de contágio e de transformação de que é portadora uma ação artística. É o mundo que está em obra por meio desta ação.<sup>2</sup>

*Cuide de você* traz à tona a importância dos afetos na contemporaneidade, instalando desvios na compreensão que se pode ter de um relacionamento a dois. Curioso observar que se trata de uma ideia de uma artista mulher, que pede a outras do mesmo sexo para refletirem a respeito do comportamento que teriam se. Um convite à conscientização de suas ações no mundo. Esse comportamento interessa aos homens desvendar e às mulheres compartilhar; não vejo a obra como feminista, porém recorro a Simone de Beauvoir, que em seu manifesto, *O segundo sexo*, declara:

Se pretende permanecer plenamente mulher, é porque pretende também abordar o outro sexo com o máximo de possibilidades. (p.504)

#### Referências bibliográficas

- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Martins, 2009 (Coleção Todas as Artes).
- CALLE, Sophie. *M'as tu vue*. Paris: Centre Pompidou & Edition Xavier Baral, 2003.
- CALLE, Sophie. *Take care of yourself*. LeMejan: Actes Sud, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: II a experiência vivida*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- GUATARRI, Félix. *Chaosmose*. Paris: Galilée, 1992. (Ed. bras.: *Caosmose*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1998).
- ROLNIK, Suely. *Geopolítica da cafetinagem*. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm> (acesso em 25 de maio de 2010.) ou <http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt> (acesso em 25 de maio de 2010.)

**Ana Hupe** (PPGartes / UERJ, Rio de Janeiro, Brasil) é formada em comunicação social pela Puc-Rio, é artista plástica e pesquisadora cursando mestrado em processos artísticos contemporâneos no Instituto de Artes da Uerj com bolsa de pesquisa da Faperj. / [anahupe@gmail.com](mailto:anahupe@gmail.com)